

**POSTER
DA SELEÇÃO
DE JUNIORES:
OS NOSSOS
NOVOS HERÓIS
DO TRI**

PLACAR

Editora
Abril

**SUPERTABELA
DO SEGUNDO TURNO
DO CAMPEONATO PAULISTA**

HISTÓRIAS E LENDAS DOS GRANDES ESTÁDIOS



MARACANÃ • PACAEMBU • MORUMBI • MINEIRÃO • BEIRA-RIO • OLÍMPICO

E TUDO SOBRE OS MAIORES PALCOS DE OUTROS ESTADOS DO BRASIL

MORI

An aerial photograph of a large, oval-shaped stadium packed with thousands of spectators. The crowd is a dense mosaic of colors. The field is green with white markings, and a dark running track surrounds it. The stadium is situated in an urban area, with buildings and parking lots visible around its perimeter.

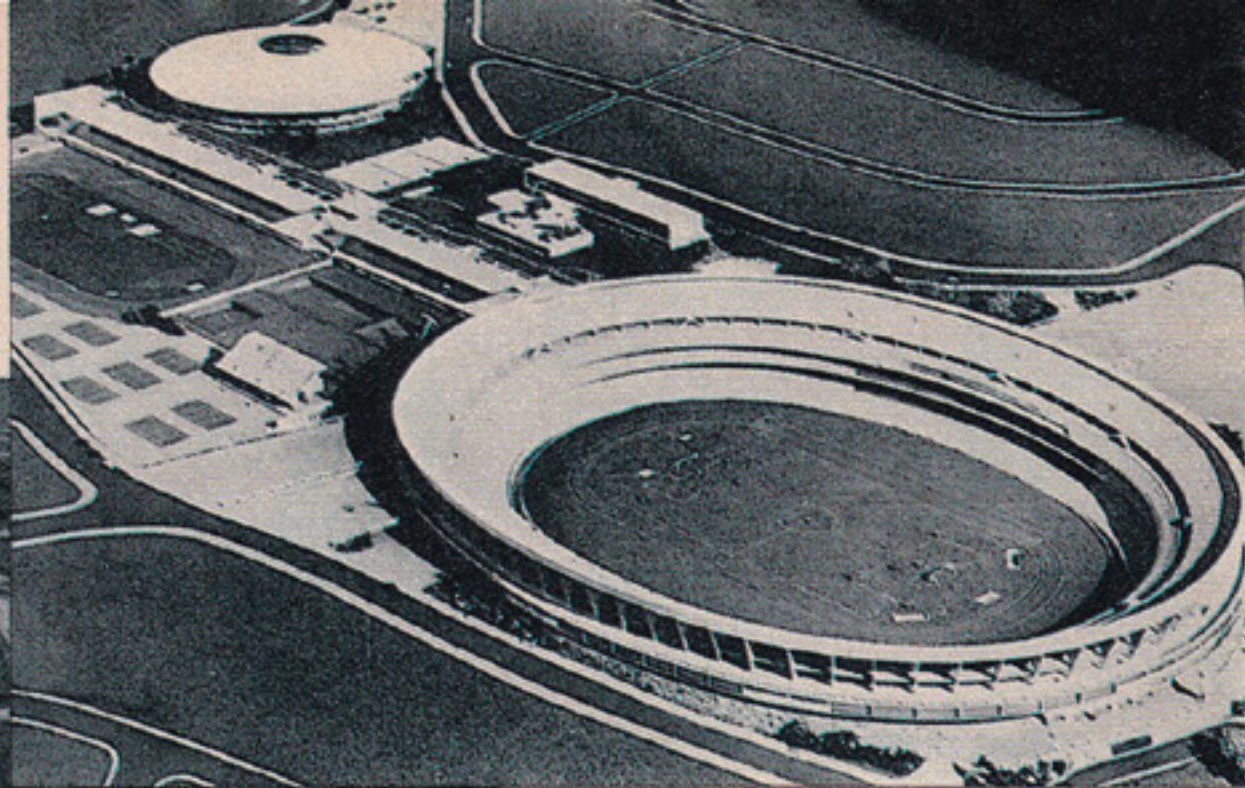
GIGANTE POR

UMBI



DESTINO

Antes mesmo da primeira parede se erguer no Morumbi, os deuses da bola já haviam decidido: no longínquo bairro paulistano nasceria o maior estádio particular do mundo. Megalomania, disseram alguns. Tiveram que se curvar às provas oferecidas pelo tempo. Desde a década de 60 não há local comparável para as tardes de futebol em São Paulo



FOTOS SÃO PAULO F.C.

UM CLUBE NO LUGAR CERTO

Os idealizadores do Morumbi queriam no início um terreno no nobre Ibirapuera, mas não convenceram a prefeitura a doá-lo. Assim, a obra começou em 1952 no então desvalorizado bairro do Morumbi. Concluído em 1960, o estádio ainda era cercado por um imenso vazio e comportava apenas 70 000 pessoas (ao lado). Mas o São Paulo queria um gigante e, para isso, até obrigou o arquiteto Villanova Artigas a mudar seu projeto original (acima), que previa um corredor de trânsito na parte inferior do anel das arquibancadas.

Tudo não passava de um sonho, diziam as vozes mais céticas que se espalhavam pela São Paulo dos anos 50. E não importava sequer que o exemplo do Maracanã, erguido em apenas dois anos, estivesse vivo na cabeça de cada brasileiro. Um estádio construído no distante bairro do Morumbi, onde a cidade só chegara até então com algumas chácaras situadas sobre imensa várzea, não permitia outro destino que não fosse o fracasso e a solidão. O sonho, porém, foi mais forte que as dificuldades, e, em 15 de agosto de 1952, o tricolor lançava a pedra fundamental de sua futura casa.

Não foi à toa que o maior estádio particular do mundo acabou sendo levantado no terreno longínquo, de 124 mil m², doado pela Prefeitura Municipal e pela Imobiliária Aricanduva. O Morumbi, para satisfazer a

honra tricolor, devia ser incomparável na cidade e, para isso, necessitava-se de um espaço capaz de acomodar 150 000 pessoas. Assim, o então presidente do clube, Cícero Pompeu de Toledo, que hoje empresta seu nome ao estádio, não se importou com a recusa do prefeito Armando Arruda Pereira em ceder um espaço no Ibirapuera, como era sua intenção inicial. Os cardeais trico-

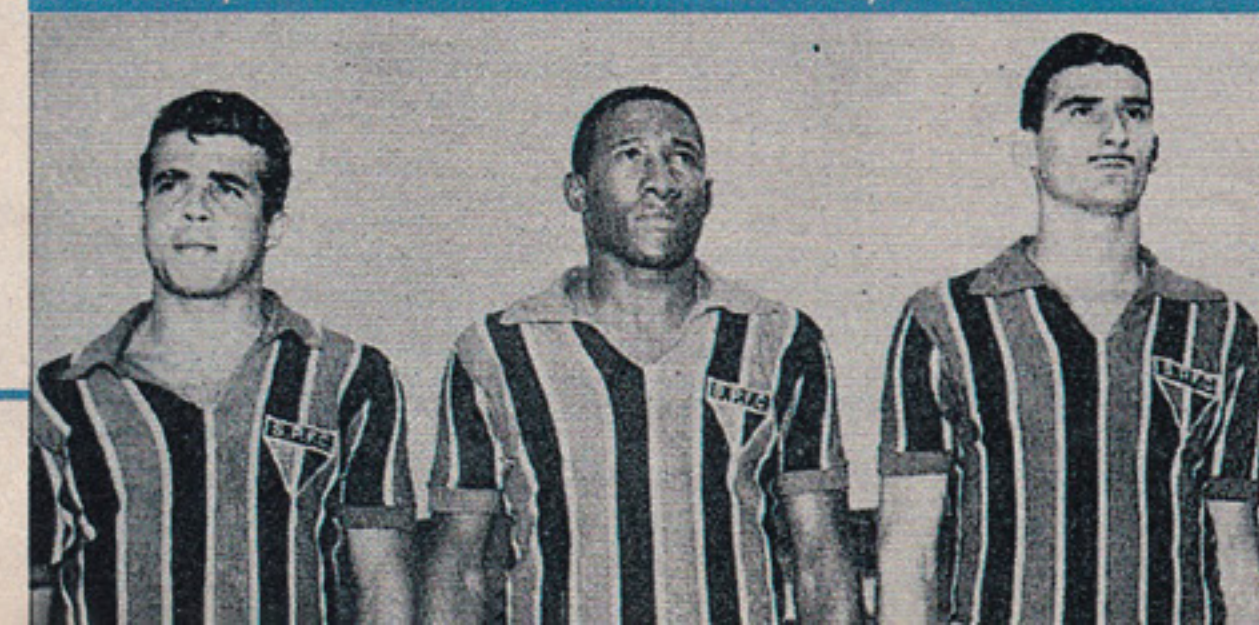
lores também não se acanharam em descartar projetos modernos, como o da construtora soviética Antonov & Solnnerkevic, que previa uma cobertura transparente e removível sobre as arquibancadas e o gramado. "O estádio ficaria menor e ninguém suportava essa idéia", lembra o historiador do São Paulo, Agnello Di Lorenzo.

Antes da construção se completar, em 1960, os dirigentes deram ainda uma última recomendação para



Peixinho marca o primeiro gol: inauguração com vitória tricolor

Almir, Djalma Santos e Julinho: no São Paulo para entrar na festa



SÃO PAULO F.C.

O vendedor de cadeiras cativas

As piadas corriam soltas por São Paulo em 1952, e falavam abertamente sobre o conto das cadeiras cativas. “No ano 2000 os filhos dos compradores ainda estarão esperando pelo dia em que poderão usá-las”, brincavam os críticos. Questionado por dirigentes tricolores sobre a possibilidade de utilizar sua imagem para a venda das cadeiras, um jogador são-paulino sequer titubeou: “Vendo, sem dúvida”, disparou o goleiro José Poy. Do primeiro lote de 12 000 unidades, negociadas a 20 mil cruzeiros cada — havia a possibilidade de serem pagas em prestações mensais de mil cruzeiros —, Poy vendeu 8 000 e, com esse dinheiro, ajudou a erguer as primeiras paredes da nova casa do São Paulo.

“Eu gostava muito do clube e queria ver concretizado seu sonho antigo”, relembra o goleiro, que atendeu a muitos pedidos. Até do exterior chegavam propostas para comprar as cadeiras do novo estádio. Oito anos mais tarde, em 1960, Poy estava novamente em ação, dessa vez embaixo das traves do São Paulo no jogo inaugural do Morumbi. “É inesquecível”, garante, emocionado.

De lá para cá, esse argentino, hoje com

Poy nas cadeiras que ajudou a vender: “O Morumbi me traz muitas recordações”

67 anos, participou de muitos outros momentos marcantes do Cícero Pompeu de Toledo. Em 1975, comandou o tricolor rumo ao título estadual, orientando uma jovem equipe como técnico. Em 1982, disputou outra decisão pelo São Paulo, mas sagrou-se vice-campeão paulista — o Corinthians venceu a final por 3 x 1.

“Até hoje, quando sento nessas cadeiras, lembro de tudo”, deslumbra-se o ex-goleiro, olhando o gramado. Com certeza, ele também traz boas recordações a cada são-paulino que o viu jogar. E toda a torcida tricolor agradece o tempo em que Poy ajudava, discretamente, a erguer o maior estádio particular do planeta.



AS TRAPALHADAS DO ARMANDINHO

“Me crucifiquem, eu errei”, desculpou-se o juiz Armando Marques após a final do Paulistão de 1973 (dir.). O Santos vencia a decisão por penâltis por 2 x 0 contra a Portuguesa e ambos tinham mais dois penais para bater. Armando, porém, declarou o alvinegro campeão, o que provocou a divisão do título. Dois anos antes, outro erro grave: anulou um gol do palmeirense Leivinha, que poderia impedir o bi do São Paulo em 1971 (esq.).



MANOEL MOTTA

UMA FESTA E MUITO PREJUÍZO

Na noite de 13 de outubro de 1977, decisão estadual contra a Ponte Preta, cada um dos 86 000 corintianos que foram ao Morumbi tinha uma certeza: aquela seria a noite da libertação. Dramas no estádio, o Timão já vivera suficientes, chegando a perder a final de 1974 para o Palmeiras (acima). Por isso o gol de Basílio (esq.)

provocou enorme euforia pela cidade. E nem o Morumbi escapou. Na frenética comemoração, a torcida quebrou sanitários, instalações elétricas, cadeiras numeradas e 250 vidros. "Vi muita gente dormindo na porta do estádio", conta Gino Orlando. Mas, com o Corinthians campeão, tudo virou motivo de festa.

aumentar a capacidade: retirar um corredor de trânsito para torcedores na parte inferior do anel das arquibancadas, como previa o projeto do arquiteto Villanova Artigas, substituindo-o por túneis de acesso. Conseqüentemente, ampliava-se o setor destinado ao público. Então, em 2 de outubro de 1960, São Paulo e Sporting entraram em campo para a partida inaugural. Os 64 784 torcedores presentes (56 448 pagantes) espremiavam-se nos 70 000 lugares disponíveis, já que apenas metade da obra estava concluída. Depois de acomodados, acompanharam a primeira vitória tricolor, por 1 x 0, com um gol do ponta-direita Peixinho aos 12 minutos do tempo inicial. Na segunda partida, palmeirenses e corintianos ofereceram uma demonstração de que o Morumbi já fora adotado por toda a cidade. O Verdão emprestou gratuitamente o lateral Djalma Santos e o ponta Julinho e o Timão cedeu o meia Almir para vestirem a camisa tricolor na vitória contra o Nacional de Montevidéu por 3 x 0. "A inauguração foi uma das melhores experiências da minha vida

como jogador", recorda o então centroavante do São Paulo e hoje administrador do estádio, Gino Orlando.

A partir da inauguração total do estádio, com o empate de 1 x 1 entre São Paulo e Porto, em 1970, o que parecia um sonho distante virou definitivamente a casa dos grandes espetáculos do futebol na capital paulista. Em seu gramado Pelé despediu-se da Seleção em 71, e o Corinthians desperdiçou a chance de conquistar um título após 19 anos, com uma derrota por 1 x 0 para o Palmeiras em 1974. Três anos

mais tarde, redimiu-se soltando seu grito de libertação graças a um gol de Basílio contra a Ponte Preta. No segundo jogo da melhor-de-três, vitória dos campineiros por 2 x 1, registrou-se o recorde de público: 138 032 pagantes, além de 8 050 que não pagaram ingressos.

Com o fim do trauma pela falta de troféus, o Timão deu mais um passo para deixar o Morumbi ao jeito de sua alma. Vingou os onze anos sem vitórias sobre a equipe de Pelé, nos anos 60, e castigou os santistas com

Em 1971, a despedida do rei Pelé



A casa de um goleador inesquecível

O polêmico Serginho Chulapa é um dos maiores artilheiros da história do Morumbi. A maioria dos 248 gols que fez com a camisa do São Paulo aconteceu neste estádio. E o centroavante só não marcou mais por ter ficado afastado do futebol durante 11 meses, em 1977, punido por agredir o bandeirinha Valdevaldo Rangel, após a anulação de um gol seu, que daria o empate frente ao Botafogo de Ribeirão Preto. O afastamento o retirou não só das finais do Campeonato Brasileiro daquele ano como também da Seleção Brasileira de 1978.

A admiração de Serginho pelo estádio é evidente. "Eu sempre tive muita identificação com o Morumbi. Para mim, ele sempre foi diferente dos outros porque era o campo da torcida do São Paulo, clube que eu defendia", afirma Chulapa. Irreverente, Serginho protagonizou momentos alegres e controvertidos no Morumbi: durante o clássico Santos e Corinthians, em 1983, o jogador entrou em campo de fraque e cartola. Mas, ao final do segundo tempo, a descontração cedeu lugar ao nervosismo e Serginho foi expulso após trocar socos e pontapés com o zagueiro Mauro, do Corinthians.

RONALDO KOTSCHO



A irreverência e os gols de Serginho Chulapa: marca de uma época no Morumbi



RONALDO KOTSCHO



RENATO DOS ANJOS

CARRASCOS PALMEIRENSES

Na melhor atuação de um jogador na história do estádio, o meia Falcão fez de tudo contra o Palmeiras. Virou o jogo de 1 x 2 para 3 x 2 em favor do Inter de Porto Alegre, em 1979 (esq.). Sete anos depois, foi a vez da Internacional de Limeira vencer o Verdão e faturar o título paulista de 1986 (dir.), para espanto geral.



TRABALHO ENFIM RECOMPENSADO

A impressão era de que o esforço são-paulino para construir sua nova casa jamais seria recompensado. O clube acumulava títulos paulistas, mas, lá, não conseguia vencer campeonatos nacionais e internacionais. Isso até 1992, quando o tricolor arrebatou a Taça Libertadores dentro de seus domínios contra o Newell's Old Boys (ao lado). A torcida tricolor invadiu o gramado, fugindo de seu comportamento frio por tradição. Chegou até a lembrar a festa corintiana de 1977. Um tabu estava enfim derrubado. E o São Paulo, pronto para vôos mais altos, como o mundial interclubes, vencido meses mais tarde.

sete temporadas e vinte jogos de tabu. "Quase todos esses clássicos tinham mais de 100 mil pessoas", atesta Aílton Lira, meio-campo santista nos anos 70. Em uma das partidas do tabu aconteceu a estréia do principal jogador corintiano nos anos 80: Sócrates. Para recepcioná-lo, o Morumbi apanhou um público de 111 000 pagantes, mas nenhuma das torcidas saiu amplamente satisfeita com o resultado de 1 x 1 que manteve a escrita por mais um ano. Tempos mais tarde, o Doutor seria um dos responsáveis pela criação da Democracia Corintiana e encheria de emoção as platéias com seus mágicos gols e toques de calcanhar. Com ele, o Corinthians conseguiu os títulos paulistas de 1979, 1982 e 83, os dois últimos em decisões memoráveis contra o São Paulo, e alcançou a proeza de um bicampeonato depois de 31 anos. O grande estádio já era a casa de todas as grandes torcidas, cada uma com seus próprios motivos para alegria (além de corintianos e são-paulinos, os palmeirenses foram

campeões paulistas em 74 e nacionais em 72/73, e o Santos ganhou os Paulistões de 1973, 78 e 84).

Os proprietários são-paulinos, porém, só superaram a escrita de não ganhar torneios fora do âmbito estadual em seu estádio com a Taça Libertadores de 1992, quando Raí, Müller, Cafu, Macedo e Cia. consolidaram uma fase gloriosa iniciada ainda

Sócrates: estréia e consagração no gigante



nos anos 80, mas que frustrara os torcedores com os vice-campeonatos nacionais de 1981 e 1989. "Por mais que se fale do romantismo do Pacaembu, é impossível ter a vibração de um estádio lotado lá como se tem aqui", discursa Gino Orlando, com a experiência de quem acompanhou todas as cinco decisões de Campeonatos Brasileiros e vivencia as batalhas de gritos e bandeiras das torcidas nas arquibancadas há mais de 20 anos. Como ele, quem entrou uma vez no maior estádio particular do mundo é incapaz de negar que o templo das grandes multidões em São Paulo é o Cícero Pompeu de Toledo.

NÚMEROS E CURIOSIDADES



RICARDO CORRÊA

A TORCIDA JOGA JUNTO COM O CRAQUE

A distância do gramado incomoda um pouco, mas tem suas vantagens. O ângulo de visualização no Morumbi é imenso e permite que o torcedor conheça todas as possibilidades para o desfecho da jogada. O atacante que faça a coisa certa.

DOIS MASSACRES TRICOIRES

O São Paulo aplicou as duas maiores goleadas da história do Morumbi. Pelo Campeonato Paulista de 1965 ganhou de 8 x 0 do Noroeste. Cinco anos mais tarde, repetiu o marcador em um amistoso contra o Mitsubishi do Japão. A partida com maior número de gols também foi tricolor. Mas, desta vez, o São Paulo levou a pior: perdeu de 6 x 5 para o Santos, na temporada de 1961.



NICO ESTEVES

UM GOL DE JUIZ PARA O VERDÃO

Um gol do juiz José de Assis Aragão, em 1983, a favor do Palmeiras, empatou em 2 x 2 o clássico contra o Santos. O chute de Jorginho resvalou no pé do árbitro no último minuto e venceu o goleiro Marolla. Nem os palmeirenses entenderam.



ABRIL

O REI FICOU NO BANCO

Nenhum outro banco de reservas teve privilégio semelhante. Foi no Morumbi que Pelé vestiu a camisa 13 de reserva da Seleção, em 26 de abril de 1970, contra a Bulgária. Só entrou na segunda etapa, mas não teve tempo para mudar o marcador de 0 x 0. Serviu como lição. Dois meses depois o Brasil era tricampeão do mundo, com ele, o Rei.



CARLOS FENERICH



NELSON COELHO

A FESTA ERRADA DO JOGO 1 000

Em 1987 São Paulo e Corinthians empataram em 3 x 3 (esq.) e festejaram a milésima partida do estádio. Esqueceram-se de contar as rodadas duplas. Na verdade, aquele foi o jogo 1 009. O milésimo aconteceu dois meses antes, na vitória por 3 x 2 do São Paulo sobre o Botafogo (dir.).

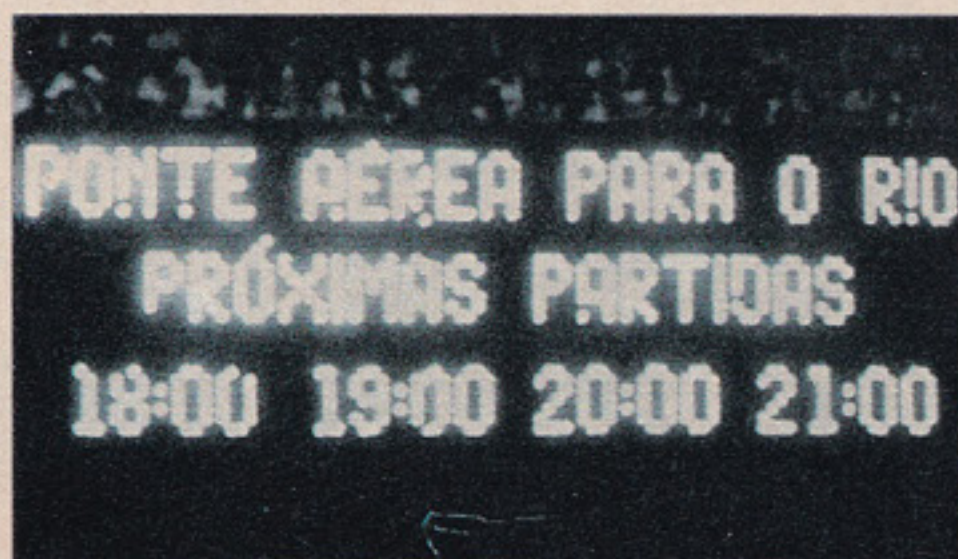
O TABELÃO DO PRIMEIRO JOGO

SÃO PAULO 1 SPORTING 0

Local: Morumbi (São Paulo);
Juiz: Otten Aires de Abreu;
Renda: Cr\$ 7 868 400;
Público: 56 448;
Gol: Peixinho 12 do 1º

SÃO PAULO: Poy, Ademair e Gildésio; Riberto, Sátiro e Vítor; Peixinho, Jonas (Paulo), Gino, Gonçalo (Cláudio) e Canhoto. **Técnico:** Flávio Costa

SPORTING: Aníbal, Lino e Hilário; Mendes, Morato e Júlio; Hugo, Faustino, Figueiredo (Fernando), Diego (Geo) e Seminário. **Técnico:** Alfredo Gonzales



NICO ESTEVES

MARCADOR ELETRÔNICO SE DIVERTE

Em 1984 o Corinthians venceu o Flamengo por 4 x 1 quando o operador do placar eletrônico, Emerson Heidi Yto, resolveu brincar: colocou os horários da ponte-aérea, sugerindo a volta do Flamengo para o Rio. Os corinthianos deliraram, mas a CBF mandou uma advertência.

MORUMBI

Nome oficial: Cícero Pompeu de Toledo
Capacidade: 130 000
Data de inauguração: 2/10/1960
Primeiro gol: Peixinho, do São Paulo
Dimensões do campo: 110 x 75 m
Endereço: Praça Roberto Gomes Pedrosa, nº 1

JOGOS E PÚBLICO EM 33 ANOS

ANO	PÚBLICO TOTAL	Nº JOGOS	MÉDIA
Década/60	2 514 489	159	15 814
Década/70	13 516 679	421	32 106
Década/80	14 308 718	510	28 056
1990	627 453	38	16 511
1991	1 001 341	38	26 351
1992	1 370 560	48	28 553
1993*	235 377	9	26 153
TOTAL	33 574 617	1 223	27 452

Obs.: Nos 1 223 jogos realizados no Morumbi foram marcados 3072 gols, o que dá a média de 2,51 por partida

* Até São Paulo 0 x 0 Palmeiras, em 14/03/93

CARLOS FENERICH

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ